

## Meu Namoro Com o Cinema

**D**enys Vasilopoulos tinha pouca altura, cabelos lisos, pele clara e quando sorria mostrando dentes alvos e regulares, os olhos cor avelã semicerravam-se enquanto uma covinha formava-se no canto direito de sua boca viril. Nos conhecemos no curso de cinema da École Pratique des Hautes Études (EPHE), quando minha mãe já partira de Paris e eu ainda morava no pequeno hotel ao lado da cidade universitária. Depois estivemos juntos num inesquecível estágio de verão, com outros alunos de várias partes do mundo, fazendo documentários com Jean Rouch no sul da França.

Ele era o oposto de Jonas, o “príncipe húngaro”, ex-noivo que deixei no Brasil com o qual sofri a minha primeira decepção amorosa e humana. Tinha tudo de um macio e sensual gato plebeu, daqueles que nas noites de lua cheia percorrem os telhados quentes de uma ilha grega à procura de aventuras. Com efeito, Denys nascera na ilha de Paros, mas fora educado em Atenas e estava exilado por motivos políticos. Desde 1967, quando o golpe militar colocou no poder a junta dirigida pelo coronel Georges Papadopoulos, o meu amigo, além de dedicar-se, como eu, ao chamado *cinéma direct* ou *cinéma vérité*, militava clandestinamente em

Paris. Apaixonei-me sem vacilar. E quando, nos primeiros dias de agosto de 1969, o príncipe húngaro anunciou por carta que viria me buscar enviei um telegrama:

Inútil vir STOP Parto hoje Itália STOP Não te amo mais STOP

Como eu merecia aquelas férias! Paguei a conta do hotel e deixei-o, alegre e definitivamente, certa de que quando voltasse encontraria lugar melhor para morar. Enquanto arrumava livros, rádio, discos e roupas, enfim tudo que possuía, no meu “pote de iogurte” – carro que Denys e eu havíamos combinado de conduzir em rodízio - pensava que, afinal, o semestre inteiro cheirara a clausura. Nossos quartos, o Museu do Homem onde estudávamos, as salas de aula em Vincennes, Nanterre, os restaurantes universitários, a cinemateca, o metrô, o bar Polly Magoo, as festas alucinantes e mesmo as ruas. Que delícia seria atravessar a França, depois a Suíça e poder respirar o ar dos Alpes para, finalmente, conhecer Florença, Roma e talvez esticar até a Sicília!

Na minha imaginação, aquelas cidades deviam emanar o perfume das flores que eu via nas reproduções da *Primavera* e do *Nascimento de Vênus* de Botticelli, onde a deusa do amor e da beleza recebe um manto bordado de flores das mãos de uma Hora. Só depois da estadia na Villa d’Este em Cernobbio, já com o meu segundo marido, e das inúmeras viagens à Veneza para a bienal de arte, mudei de ideia. Hoje, para mim, a Itália possui o perfume das trepadeiras de madressilva com o qual eu ia dormir, despertava e tomava o café da manhã no terraço, ao lado de uma fonte renascentista de sonhos, olhando o lago de Como. E também os eflúvios mal cheirosos das águas paradas dos canais da sereníssima rainha do Adriático. Penso que se um historiador construísse apenas a história dos cheiros ele não se afastaria um milímetro da realidade como fazem tantos outros que se dizem “cientistas”!

Nada, por exemplo, nem mesmo Veneza, exalava odor mais fétido do que a cinemateca de Paris. De todos os claustros fedorentos, aquele era o pior. Somente a gratuidade dela e o nosso amor ao cinema podia explicar um tal sacrifício. Jovens marxistas aspirantes que éramos, sem igreja ou sinagoga, dando valor apenas ao intelecto muito antes de frequentar o luxo do grande mundo, a cinemateca era o nosso fausto e sagrado templo. O lugar onde Denys e eu “rezávamos” diariamente depois dos cursos, assistindo a todas as sessões que pudéssemos – às vezes mesmo sem pausa para uma refeição – até a hora do último metrô.

Eisenstein, Griffith, Chaplin, Buster Keaton, Jean Renoir, Orson Welles, John Ford, as imagens desfilavam enquanto analisávamos cada movimento da câmera, lance de direção, fotografia, etc., e isto sempre com deleite e uma emoção da descoberta que jamais se repetiria em nossas vidas. Sentíamos-nos poderosos, como se ninguém além de nós chegasse a um tal conhecimento e a uma tal compreensão da vida e do cinema. Só hoje sei o quão pouco sabíamos e o quanto reduzido era o nosso entendimento. Raras são as pessoas, mesmo especialistas e grandes estudiosos, capazes de conhecer com profundidade, e completamente, uma arte que é total e que traz ou pode trazer dentro dela vida, artes plásticas, literatura, música, arquitetura, ciência, sociologia, política, psicanálise, filosofia etc. etc. etc.

Além das imagens, sucediam-se as celebridades que sentavam-se a alguns metros de nós. Henri Langlois, o diretor da cinemateca, estava sempre lá. Ao lado dele, de tempos em tempos, via-se uma atriz, um cineasta ou um ator famoso. Com a febre do Cinema Novo, não só assistimos a todos os filmes de Glauber Rocha, Ruy Guerra, Cacá Diegues, Paulo Cesar Saraceni, Walter Lima Jr. e Nelson Pereira dos Santos, como avistamos alguns deles, sobretudo os dois primeiros, várias vezes na plateia. Nos intervalos discutíamos

a ideia de “uma câmara na mão e uma ideia na cabeça” de Glauber, acreditando que isso mudaria o mundo! De um lado eu lia com horror as notícias sobre a ditadura no Brasil no jornal *Le Monde*, de outro vibrava quando saía algo sobre o cinema brasileiro na *Cahiers du Cinéma*.

Tanto que, um dia, quando eu tomava um cafezinho no self-service universitário perto do bulevar Saint Germain, aceitei conversar com um rapaz miúdo de vasta e enroscada cabeleira, apenas porque disse que era crítico daquela revista. Vejo-me ainda de minissaia, capa-de-chuva e botas, dando longas baforadas no meu Gauloise, agitando os cílios à maneira de Twiggy, as pernas cruzadas e os longos cabelos loiros saindo do chapéu em feltro vermelho de abas que possuo até hoje. Não foi à toa que ele se apresentou e pediu para sentar: “Jean, muito prazer!”. No momento em que contei ser brasileira e estudante de cinema, então, o rapaz quase despencou do banquinho.

As suas três armas de sedução não podiam ser melhores: *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, *Terra em Transe* e *Barravento*<sup>5</sup>. Gostei bastante quando começou a discorrer sobre a importância da “estética da fome” contra o “formalismo burguês”. Segundo ele, em pouco tempo a revista romperia com os “últimos laços capitalistas” e, sob os auspícios de Mao, da cultura do proletariado e do materialismo histórico, ela se tornaria vermelha... como o meu chapéu!

Jean não tinha mentido. Não só era crítico com alta posição, sucedia Jacques Rivette no expediente da *Cahiers du Cinéma*, como me levou à redação da revista e me apresentou, um a um, todos os colaboradores da época que já anunciavam situar-se “fora da atualidade burguesa”. Foi assim que apertei a mão de Jean-Luc

5 Filmes de Glauber Rocha.

Godard, saudei o “chefe capitalista”, Daniel Filippachi (proprietário da publicação que, evidentemente, caiu fora algum tempo depois), tomei café com Jean-Louis Comolli e conheci Marina Vlady. Hoje, eu mesma custo a acreditar com que naturalidade e falta de apreensão eu conversava com todos.

Como em muitas histórias de amor, Chico Buarque que o diga e cante, o meu amigo Jean parecia apaixonado por mim, que estava apaixonada por Denys que estava apaixonado por... E isso enquanto todo mundo descobria Andy Warhol e John Cassavettes, publicava-se os textos de Serguei Mikhailovitch Eisenstein, o que fazia não só com que a teoria e a leitura marxista-leninista não conseguisse ficar de pé como que se minimizasse a importância dos namoros. Naturalmente, o meu amigo Jean preferia a rígida postura universitária à nossa “velha e típica ‘cinefilia’ de cinematca”. Ele me dizia:

“Chega de ficar sentada naquela sala de projeção e estude mais! O bacana é poder analisar *Intolerância* de Griffith plano por plano ou uma sequência inteira do *Os Pássaros* de Hitchcock em vez de ficar se extasiando diante dos filmes!”

Hoje, até entendo porque que no ano seguinte Truffaut deixou aquela redação que eu visitava tão regularmente para encontrar Jean e os seus amigos. Gostei do que o cineasta escreveu em seguida: “A leitura da revista está ficando proibida a qualquer um que não seja universitário. Quanto a mim, jamais li uma só linha de Marx”. Deve ser por isso que até meados dos anos 1970, o Jean não conseguiu mais do que três mil gatos pingados como assinantes...

Pena que não conheci Serge Daney que foi quem redescobriu o “prazer” do cinema e salvou a revista. Àquelas alturas eu já começava a trabalhar como assistente de produção de Luís Sérgio Person em filmes publicitários, acompanhá-lo à Boca do Lixo no bairro da Luz, sobretudo na rua do Triunpho onde ficavam

as produtoras – e a escrever críticas de filmes numa conhecida publicação feminina da editora Abril, para a qual eu assistia muitos deles em pré-estreia na Paris Filmes, no mesmo bairro. Publicação, cujo diretor eu sempre avistava num grupo de psicodrama do dr. José Ângelo Gaiarsa... Ou seja, de um lado, pena também que não fiquei em Paris.

Não sei o que Jean pensou quando desapareci para ir à Itália, com Denys. Com a viagem eu queria não só escapar da passividade e diletantismo diante dos livros e dos filmes, coisa que ele tanto reprovava. Desejava, sobretudo, esquecer que ele, o cinema e a literatura existiam, convencendo-me de que a tela descortinada da existência era a única realidade possível. Cinema, livros e Jean – fora o cheiro deles mesmos, sendo que o perfume do meu amigo não era muito diferente do da cinemateca – não possuía o odor do manto bordado de Botticelli. Não tinha perfume da vida.

E lá fomos nós! Que belo e inesquecível percurso. Atravessar os Alpes com um deus grego dentro de um pote de iogurte foi, para mim, algo tão memorável e heroico que consegui até mesmo me sentir na pele, não de Giuseppe, mas de Anita Garibaldi.